

# AS MULHERES DE VERMELHO:

O COMITÊ DO MOVIMENTO DAS MULHERES  
BÚLGARAS E O DESENVOLVIMENTO  
DOS MOVIMENTOS DE MULHERES  
PROGRESSISTAS NA ÁFRICA E NA ÁSIA, 1980-1985

Kristen Ghodsee<sup>1</sup>

## Na Conferência da História das Mulheres

Em meados de junho de 2011, em uma grande conferência sobre história das mulheres nos Estados Unidos, participei um dia inteiro de painéis e eventos organizados para revisar e refletir sobre as conferências de mulheres da Organização das Nações Unidas, durante a Década da Mulher da ONU, entre 1975 e 1985. A maioria dos painéis contava majoritariamente com mulheres norte-americanas na faixa dos 70, 80 anos, refletindo sobre os eventos ao redor das conferências e o impacto que as mulheres norte-americanas tiveram na modelagem do movimento internacional de mulheres.

Curso para líderes de organizações de mulheres da África. Sófia (Bulgária), fevereiro de 1982. (Foto utilizada com permissão de Elena Lagadinova).



Ainda que incrivelmente informativos e fascinantes, os painéis foram relativamente centrados nos EUA, com apenas duas expositoras indianas representando as mulheres do resto do mundo. Além disso, toda a discussão se deu como se as conferências de mulheres fossem independentes das tensões da Guerra Fria, que modelaram a geopolítica durante aquela era.

Em determinado ponto da discussão, Mildred Persinger, da Tribuna Internacional das Mulheres, estava explicando as origens da Primeira Conferência da ONU para mulheres na Cidade do México. Ela esclareceu inicialmente que o Departamento de Estado se opunha a comprometer recursos para uma conferência internacional de mulheres, por acreditar que os temas a elas relacionados não tinham importância. Persinger recordou-se de como ela e um grupo de outras norte-americanas foram ao Departamento de Estado para informar que haveria uma conferência internacional de mulheres em Berlim Oriental e que milhares de mulheres ao redor do mundo já se haviam inscrito para o evento. Essa conferência era organizada pela Federação Democrática e Internacional de Mulheres (FDIM), organização que o governo norte-americano considerava uma “frente comunista” sob o controle da União Soviética<sup>2</sup>. “De repente”, recorda Persinger, “os prospectos para a conferência de mulheres da ONU melhoraram. Foi um milagre!”. Essa foi a única vez que os países socialistas foram citados durante a primeira sessão de painéis.

No momento do debate, eu me levantei e fiz uma pergunta específica sobre as contribuições das mulheres do mundo socialista no planejamento e na preparação das conferências da ONU para mulheres. Sabia que a FDIM havia proposto anteriormente a ideia de um Ano Internacional das Mulheres ao Conselho Econômico e Social da ONU e que a conferência em Berlim Oriental seria para celebrar seu aniversário de 30 anos. Em outras palavras, sem os esforços das mulheres socialistas talvez nunca houvesse existido uma Década da Mulher da ONU. Nenhuma das expositoras se remeteu diretamente à minha questão. Somente Arvonne Fraser, integrante da delegação oficial norte-americana, tanto na Cidade do México, em 1975, como em Copenhague, em 1980, respondeu que, em 1975, não havia a menor possibilidade de que o governo norte-americano permitisse às feministas norte-americanas irem à conferência de Berlim Oriental. E acrescentou que as mulheres do bloco socialista haviam tido uma forte presença nos encontros. Depois, naquela tarde, a economista indiana Devaki Jain estava discutindo o importante papel da socialista, feminista e iugoslava, Vida Tomsic, na organização de mulheres do Movimento dos Não Alinhados. “Sei”, disse Jain a um público largamente composto de norte-americanas e às outras palestrantes, “que Vida não está no panteão divino de vocês, mas certamente está no meu”.

Em determinado momento, no fim do último painel, eu ainda estava sentada, atenta, no fundo do salão. Vi uma senhora levantar e acenar a cabeça para mim enquanto uma das expositoras estava falando. Não sei quem era, mas chamou minha atenção ao caminhar em minha direção. Ela então se inclinou e cochichou em meu ouvido: “Você está totalmente certa. Elas estão contando apenas uma parte da história. Já havia um movimento internacional de mulheres muito antes das norte-americanas se envolverem.” Levantou-se e saiu do salão sem me dizer seu nome. Estava claramente exasperada. Gostaria de ter falado mais com ela, mas nunca mais a vi. Essa mulher me confirmou, porém, a sensação de que algo estava sendo seriamente desconsiderado naquela forma de apresentar e escrever a história da Década da Mulher da ONU. As mulheres do mundo socialista estavam sendo completamente ignoradas, embora estivesse claro que a Primeira Conferência de Mulheres na Cidade de México provavelmente não teria ocorrido se as mulheres do bloco oriental não houvessem organizado uma conferência própria em Berlim Oriental<sup>3</sup>.

Em um excelente artigo publicado em 2010, sobre a história da Federação Democrática Internacional de Mulheres, a perspicaz historiadora Francisca De Haan argumentou:

O impacto da caça às bruxas norte-americana aos comunistas foi profundo e de longa duração em muitos níveis, incluindo a historiografia dos movimentos feministas e de mulheres. Além da falta de fontes históricas – pois muitas foram queimadas – e do silêncio das participantes, acredito que os pressupostos da Guerra Fria sobre as “mulheres comunistas” continuam a influenciar a escrita da história das mulheres do Ocidente<sup>4</sup>.

Acredito que o argumento de De Haan é correto e este breve artigo é uma tentativa de desfazer alguns desses pressupostos da Guerra Fria, particularmente do lado norte-americano da história. Como etnógrafa, tenho me interessado, desde 2004, pela ajuda externa norte-americana aos programas “Mulheres em Desenvolvimento” como uma ação anticomunista<sup>5</sup>. E, desde 2002, conduzo entrevistas de “etnografia de salvaguarda”<sup>6</sup> com mulheres norte-americanas que foram às conferências da ONU. Em 2010, iniciei uma série de entrevistas etnográficas de salvaguarda com mulheres búlgaras que também foram às conferências e passei a me interessar de forma crescente pelas atividades do Comitê do Movimento das Mulheres Búlgaras (CMMB), a organização de massa de mulheres da era comunista que representou a Bulgária nas Nações Unidas até 1990<sup>7</sup>. Essas entrevistas me levaram aos arquivos do CMMB nos Arquivos Centrais do Estado na

Bulgária, onde comecei a explorar os arquivos documentais da organização e sua importância na definição dos contornos do movimento internacional de mulheres<sup>8</sup>.

Além das extensas atividades internas, o CMMB era notavelmente ativo na cena internacional e se tornou a face do movimento de mulheres socialistas entre 1968 e 1990. Particularmente, acredito que o CMMB pode ter cumprido um papel-chave na formação de mulheres progressistas da África e da Ásia, no começo da década de 1980, e no apoio a vários movimentos de independência nacional, especialmente na Etiópia.

Este artigo é apenas uma pequena parte do projeto de um livro sobre as atividades nacionais e internacionais do CMMB entre 1968 e 1989, e se centrará especificamente em um exemplo da conexão entre mulheres búlgaras e mulheres da África: um curso de formação de 40 dias feito em Sófia, em 1980. Mas, antes de discutir os detalhes desse curso, será necessário examinar brevemente algumas das razões pelas quais as contribuições das organizações de mulheres dos estados socialistas foram completamente ignoradas.

## **Ignorando os impactos das organizações de mulheres nos estados socialistas**

As demandas por um Ano Internacional da Mulher em 1975 foram oriundas das pressões do movimento de mulheres dos Estados Unidos e, em algum grau, da Grã-Bretanha e da Alemanha Ocidental... No momento [1982] o foco de poder no movimento [internacional] de mulheres parecia estar nos EUA. Fontes econômicas básicas estavam lá, com tudo o que isso traz, e é possível que as mulheres norte-americanas dominassem o movimento, fazendo com que seus objetivos predominassem. No passado, esse foi o método que a nação norte-americana usou nas relações internacionais. Usou seu poder econômico e sua maioria na Assembleia Geral da ONU para aprovar decisões que são favoráveis para si e para o Ocidente.

*Carol Stephenson, 1982<sup>9</sup>*

No tocante à filiação oficial, a FDIM foi a maior organização de mulheres do pós-1945. A organização iniciou o famoso Ano Internacional da Mulher em 1975, o ponto de partida das atividades em larga escala da ONU direcionadas à melhoria do *status* da mulher no mundo, bem como a Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres (CEDAW [sigla em inglês]), o mais importante “tratado sobre mulheres” da ONU até os dias de hoje.

*Francisca De Haan, 2010<sup>10</sup>*

Como as duas citações anteriores demonstram, os acadêmicos norte-americanos têm deliberadamente desconsiderado a importância das mulheres do mundo socialista desde o início da década de 1980. Embora a FDIM tenha organizado ativamente inúmeros congressos para mulheres progressistas desde 1945, para os quais todos os países socialistas (incluindo a Bulgária) enviaram delegações, esses esforços internacionais para a organização de mulheres foram amplamente ignorados, como também o foram as contribuições individuais específicas de mulheres comunistas. Uma das questões mais prementes desta pesquisa é por que as organizações de mulheres nos estados socialistas foram totalmente eliminadas dos arquivos históricos.

Certamente há importantes legados da Guerra Fria que influenciaram a historiografia sobre a Década da Mulher da ONU, mas outro fator importante é a prosperidade relativa das mulheres ocidentais, comparadas às suas “irmãs” mais velhas da Europa Oriental. Muitas ocidentais que foram às reuniões da ONU na Cidade do México, Copenhague e Nairóbi aposentaram-se e vivem comodamente, com o tempo e os recursos necessários para produzir conhecimento ou escrever memórias sobre seus envolvimento com a Década da ONU. Do outro lado da agora permeável Cortina de Ferro, muitas das mulheres da Europa do Leste que foram às reuniões enfrentaram severas dificuldades econômicas, desde o colapso do comunismo em 1989. Elas, quase sempre, vivem com pensões abissalmente pequenas e dependem de seus filhos para se sustentar. Se elas produzem memórias sobre suas experiências, estas normalmente são publicadas na língua local e não em jornais e revistas facilmente acessíveis<sup>11</sup>.

Feministas contemporâneas nos Estados Unidos também estão mais interessadas em preservar a própria história. Elas continuam a organizar painéis e sessões (como a mencionada no início) ou publicar livros sobre a contribuição das mulheres norte-americanas para o movimento internacional de mulheres, muitas vezes excluindo as contribuições das mulheres do antigo mundo socialista. Por exemplo, um importante volume, em 2004, coletou pequenos ensaios autobiográficos de 27 mulheres envolvidas no movimento feminino internacional entre 1975 e 1985<sup>12</sup>. Esse livro, que abrange a representação de algumas mulheres do Hemisfério Sul, não inclui nem sequer um exemplo de alguma mulher do chamado “Segundo Mundo”. A FDIM e as mulheres socialistas são brevemente citadas no livro de Devaki Jain, *Women, development, and the UN: a sixty-year quest for equality and justice*<sup>13</sup> [*Mulheres, desenvolvimento e a ONU: uma busca de 60 anos por igualdade e justiça*], de 2005, mas a maior parte da produção intelectual sobre as questões das mulheres na ONU ignora a influência das mulheres dos países do Bloco Oriental.

Outra razão para essa omissão é que determinadas concepções sobre a emancipação de mulheres, lideradas pelo Estado, ainda impregna o pen-

samento feminista. O estereótipo que tem o Ocidente das organizações de massa de mulheres socialistas é de que elas eram apêndices ineficazes da elite do Partido Comunista, o *Politburo*, dominado por homens. Em vez de ser a voz das mulheres no Partido, eram consideradas meramente a voz do Partido entre as mulheres<sup>14</sup>. Essas organizações, supostamente, apenas recebiam ordens de cima<sup>15</sup>, com Maxine Molyneux alegando que “todas as instituições políticas [comunistas] são desenhadas primariamente para executar a política do partido e para mobilizar seu eleitorado particular para alcançar os objetivos de Estado”<sup>16</sup>. E enquanto isso era certamente verdade em alguns países da Europa Oriental, havia importantes variações que não foram exploradas. De fato, a maior parte da produção intelectual em língua inglesa na região continua a homogeneizar, de forma imprecisa, os países do bloco socialista e falha em identificar as diferenças significativas que necessariamente complicam como, de fato, o socialismo “real-existente” operava na prática.

Além do mais, as organizações de mulheres dos Estados socialistas na Europa eram as vítimas indiretas das campanhas internacionais de difamação montadas para minar organizações de mulheres com tendências de esquerda nos Estados Unidos. O historiador Landon Storrs demonstrou, de forma convincente, que advogados que atuavam pelos direitos das mulheres e dos consumidores durante a primeira “Ameaça Vermelha” eram pintados como simpatizantes do comunismo e, portanto, ficavam desacreditados para o conjunto do público norte-americano<sup>17</sup>. Em seu brilhante livro, *Red feminism* [Feminismo vermelho], Kate Weigand recupera de modo meticuloso muitas das raízes comunistas do feminismo norte-americano, mas depois demonstra como esses vínculos foram deliberadamente cortados e escondidos para evitar suspeitas e perseguições durante a “Era McCarthy”. Além disso, o banimento do Congresso das Mulheres Americanas pelo governo norte-americano, os cruéis ataques contra a FDIM (que mais tarde levou à suspensão de seu *status* consultivo no Conselho Econômico e Social da ONU) e as contínuas insinuações contra organizações, como a Liga Internacional das Mulheres pela Paz e Liberdade, contribuíram para gerar um clima de medo no qual as feministas se sentiram compelidas a se distanciar o máximo possível do socialismo, fosse na teoria, fosse na prática<sup>18</sup>. As constantes acusações de que todas as feministas norte-americanas eram comunistas fizeram com que as mulheres recomendassem que se mantivesse a maior distância possível das mulheres do Bloco Socialista<sup>19</sup>.

Depois de 1989, acadêmicos dedicados às questões de gênero nos países anteriormente comunistas também abraçaram e frequentemente perpetuaram esses estereótipos sobre a natureza e a função das organizações comunistas de mulheres<sup>20</sup>. Afirmações sobre a natureza dos regimes socialistas e suas organizações de massa podiam ser facilmente publicadas sem nenhum tipo de

comprovação, desde que sustentassem o “conhecimento comum” produzido durante a Guerra Fria, ainda que a era pós-comunista tenha possibilitado a abertura de arquivos para estudo. Questionar os estereótipos ocidentais sobre a natureza do feminismo liderado pelo Estado não era o que as feministas ocidentais queriam que os acadêmicos do bloco oriental, dedicados ao estudo de gênero, fizessem. Por isso, havia pouco financiamento disponível para projetos de História desse tipo. Demorou quase duas décadas para que acadêmicos, tanto do Ocidente como do Oriente, comessem a questionar a ortodoxia reinante.

## O Comitê do Movimento das Mulheres Búlgaras (CMMB)

As atividades internacionais do CMMB entre 1968 e 1990 fornecem um perfeito estudo de caso que desafia os estereótipos sobre a suposta ineficácia das organizações de mulheres dos Estados socialistas. As mulheres foram ativas na resistência contra a monarquia búlgara, que se aliou ao nazismo alemão na II Guerra Mundial. Muitas dessas mulheres se tornaram líderes no novo governo comunista estabelecido após 1946. Duas figuras-chave nos primeiros anos foram Tsola Dragoicheva e Rada Todorova, ambas presentes na fundação da FDIM em Paris, em 1945. Essas mulheres haviam cumprido longas sentenças de prisão antes de 1944 e eram internacionalmente reconhecidas como heroínas da resistência antifascista. Dragoicheva foi uma das primeiras presidentas do Comitê das Mulheres Búlgaras Democráticas (CMBD)<sup>21</sup> e integrou durante um longo tempo o *Politburo* do Partido Comunista da Bulgária. Rada Todorova sucedeu Dragoicheva como líder do movimento de mulheres búlgaras e se tornou presidente do Comitê das Mulheres Búlgaras (CMB)<sup>22</sup>. Entre 1946 e 1950, o CMBD e o CMB se ocuparam com as tarefas de erradicação do analfabetismo entre as mulheres e aumento de seu acesso à educação e ao emprego, bem como participaram ativamente das atividades internacionais regulares da FDIM<sup>23</sup>. Por volta de 1950, entretanto, o clone búlgaro de Stálin, Valko Chervenkov<sup>24</sup>, decidiu que as mulheres búlgaras não precisavam de organização à parte. Elas já haviam sido mobilizadas para participar da força de trabalho e a Bulgária estava caminhando a todo vapor em direção à modernização de sua economia inteiramente agrícola. As atividades das mulheres búlgaras após 1950 seriam bastante limitadas na promoção da solidariedade internacional em seu trabalho na FDIM<sup>25</sup>, especialmente no envio de ajuda material para as organizações de mulheres na Ásia e na África.

Por exemplo, um protocolo estenográfico de uma reunião do CMB, de 17 de março de 1965, mostra que as mulheres búlgaras estavam em contato

com importantes líderes mulheres no Mali<sup>26</sup>. O protocolo mostra a discussão do Comitê sobre qual material enviar ao Mali, em resposta a uma carta de Aoua Keita, africana radical que era militante ativa na Assembleia Democrática Africana (RDA [sigla em francês]), a qual estava lutando pela independência de todas as colônias francesas na África<sup>27</sup>. O CMB tinha um orçamento de 5 mil leva para apoiar o movimento de mulheres em outros países e concordou em gastar 1 mil leva em canetas, cadernos, máquinas de escrever, impressoras e outros suprimentos para apoiar o movimento de mulheres dali. Rada Todorova também reconheceu que Keita era uma das mulheres mais importantes da África e a convidou para ir à Bulgária. O mesmo protocolo mostrava que outros 1 mil leva apoiaram a Cruz Vermelha búlgara em seus esforços para prover comida a Angola, e havia um compromisso de enviar 500-700 leva de ajuda para as organizações de mulheres na Índia.

No final da década de 1960, o governo de Zhivkov<sup>28</sup> decidiu que queria revigorar o movimento de mulheres búlgaras e aumentar suas responsabilidades internamente. Houve várias razões para isso. A primeira e mais importante foi o agudo declínio demográfico que tomou de surpresa o antigo Bloco Oriental. Com as mulheres agora tendo acesso igualitário às oportunidades de ensino e sendo plenamente integradas à força de trabalho, as taxas de natalidade estavam despencando e o desenvolvimento econômico dependia de uma contínua expansão da força de trabalho. Relacionado a isso estava o fato de que muitas mulheres estavam infelizes ou insatisfeitas com os ganhos obtidos sob o socialismo. Havia uma necessidade urgente de entender os processos sociológicos subjacentes que mostravam o descontentamento crescente entre as mulheres, na esperança de reverter a taxa de natalidade negativa. Finalmente, inspirado em mudanças na Tchecoslováquia, o líder comunista búlgaro que esteve mais tempo no poder, Todor Zhivkov, pôde experimentar algumas reformas internas sutis por meio da criação de novas organizações populares que seriam mais representativas e receptivas às necessidades dos cidadãos socialistas<sup>29</sup>.

Em 1968, Zhivkov convocou o primeiro Congresso Nacional do Comitê das Mulheres Búlgaras, o qual elegeu uma nova líder para substituir Rada Todorova. Na realidade, Zhivkov já havia escolhido a doutora Elena Lagadinova para liderar o novo Comitê, e o Congresso Nacional foi o endosso público dessa escolha. Lagadinova era cientista genética com uma nomeação na Academia Búlgara de Ciências, onde trabalhava em uma modificação genética do trigo. Ainda que tenha atuado na resistência contra o nazismo, junto com seu pai e irmãos, aos 14 anos, ela tinha pouca experiência política e era, sob a maioria dos pontos de vista, uma escolha peculiar para essa posição.

De acordo com Maria Donkova, jornalista da revista búlgara feminina *Zhenata Dnes* [A Mulher Hoje], na época, a chegada de Lagadinova foi um

“milagre” e ela foi fundamental no que Donkova chamou de “revolução” das mulheres búlgaras<sup>30</sup>. O novo CMMB era um membro constituinte da Frente Patriótica<sup>31</sup> e, como tal, tornou-se uma das maiores e mais influentes organizações da Bulgária, já que, teoricamente, representava metade de toda a população. Infelizmente, não há oportunidade de explorar as várias conquistas internas do CMMB, sob a liderança de Elena Lagadinova, em um artigo desta extensão. O ponto-chave é que as conquistas internas do CMMB tornaram-se, conseqüentemente, um modelo que todos outros países socialistas queriam emular e foi Lagadinova que fez *lobby* junto a seus colegas da União Soviética para criar uma política socialista comum para os problemas das mulheres<sup>32</sup>, particularmente no que diz respeito à ajuda e ao aconselhamento às mulheres do mundo em desenvolvimento. No restante deste artigo, enfocarei, especialmente, o exemplo dos esforços de solidariedade às mulheres do mundo em desenvolvimento.

## Um Centro de Formação para Mulheres da África e da Ásia

Sob todos os pontos de vista, a conferência para celebrar o Ano Internacional da Mulher foi um divisor de águas na história do movimento internacional de mulheres. Ainda que as mulheres progressistas do mundo se reunissem regularmente desde 1945, e que a FDIM estivesse celebrando seu 30º aniversário em Berlim Oriental em outubro, a conferência da ONU de julho de 1975 foi a primeira que os governos foram compelidos a enviar delegações oficiais para discutir o *status* das mulheres em seus países. A conferência da ONU significava que governos soberanos tinham que se comprometer a melhorar a vida das mulheres e, além disso, foi a primeira vez que mulheres em diferentes países puderam comparar a igualdade legal, social, econômica e política entre os países ao redor do globo.

O CMMB levou muito a sério a conferência do Ano Internacional da Mulher, e a chegada da delegação búlgara ao México foi precedida por uma massiva campanha de relações públicas para promover as conquistas internas das mulheres búlgaras. O CMMB supervisionou a produção de 560 mil cópias de dez diferentes brochuras em francês, inglês, espanhol, russo e alemão, bem como 200 mil cópias adicionais de um panfleto em árabe sobre “Mulheres na Bulgária Contemporânea”<sup>33</sup>. Esses materiais foram enviados a bibliotecas, missões diplomáticas e organizações de mulheres em todo o mundo e amplamente distribuídos na Cidade do México.

Enquanto, ironicamente, homens lideraram a maioria das delegações de mulheres para a conferência, os países socialistas deram um importante e

simbólico exemplo. A União Soviética nomeou Valentina Tereshkova, a primeira mulher no espaço, líder da delegação, e ela foi uma importante personificação do compromisso do socialismo com a igualdade para as mulheres. Elena Lagadinova liderou a delegação búlgara e foi acompanhada de outras duas poderosas mulheres de seu país: Svetla Daskalova (ministra da Justiça) e Lyudmila Zhivkova (ministra da Cultura). Vilma Espín liderou a delegação de Cuba e apaixonadamente disse às mulheres na Cidade do México: “Nós já obtivemos, para nossas mulheres, tudo o que a Conferência está pedindo. As mulheres são parte do povo e, a não ser que se fale de política, você nunca vai mudar nada”<sup>34</sup>. Em uma entrevista dada em 2005, Arvonne Fraser, integrante oficial da delegação dos EUA na Cidade do México, recordou: “Ninguém teria admitido isso, e definitivamente não seria dito por ninguém da delegação norte-americana, mas pareceu que as mulheres ao menos possuíam maior igualdade no Bloco Socialista”<sup>35</sup>.

Para as mulheres búlgaras do CMMB, a lição mais importante do Ano Internacional da Mulher foi que as mulheres socialistas estavam verdadeiramente à frente, tanto das mulheres norte-americanas como das dos países em desenvolvimento, em termos de igualdades legais e acesso à educação e ao trabalho. Maria Dinkova, membro do CMMB e integrante da delegação oficial, foi nomeada pelo comitê de trabalho que elaborou o *Plano de Ação Global*. Em 2011, ela afirmou que a experiência búlgara na luta pela licença-maternidade teve uma importante influência no documento oficial da conferência, porque “na época, a Bulgária estava à frente da maior parte das nações no tocante à promoção da igualdade legal e no apoio estatal às mulheres, tanto como mães, como trabalhadoras”<sup>36</sup>. Talvez mais importante, a delegação búlgara percebeu que seu país era mais avançado mesmo quando comparado a outras nações socialistas, e que a União Soviética estava disposta a permitir, às búlgaras, liderar no tocante ao ativismo internacional das mulheres.

Um dos resultados da conferência de 1975 na Cidade do México foi a decisão de se criar um centro de formação para mulheres ativistas e para educar mulheres, para que soubessem como navegar pela complicada burocracia da ONU. A FIDM, com o apoio de Vilma Espín e da Federação Cubana de Mulheres, criou um centro regional de formação em Havana, em 1978<sup>37</sup>. Mulheres ativistas de toda a América Latina deveriam ser formadas como líderes no Centro, o qual antecedeu a criação do Instraw [sigla em língua inglesa para Instituto Internacional de Pesquisa e Treinamento para o Avanço das Mulheres]<sup>38</sup> (o centro de formação oficial da ONU) em cinco anos. Na realidade, a localização do Instraw foi um tópico de considerável desacordo político. A escolha da República Dominicana – amiga dos EUA – colocou os países do bloco socialista na defensiva. Eles tinham medo de que os Estados

Unidos usassem o Instraw como uma forma de influenciar as mulheres dos países em desenvolvimento e acreditaram que deveriam manter seu próprio centro de formação, em separado. Em um memorando no qual discutiam a possibilidade de criar um centro regional para mulheres da Ásia e da África na Bulgária, Lagadinova escreveu:

Sem dúvida, as nações do Ocidente tentarão usá-lo [o Instraw] como um meio de influenciar ativamente as mulheres desses países [em desenvolvimento]. Para levá-las para longe do caminho para encontrar uma solução radical para as candentes questões sociais relacionadas ao *status* das mulheres na sociedade e do caminho que leva à luta por direitos econômicos e políticos como liberdade, independência nacional e paz [...], acreditamos que a criação de um centro de formação e preparação de líderes mulheres em um país socialista é uma ideia muito oportuna e útil. A Bulgária, como anfitriã, poderia prover às mulheres líderes de ambos os continentes [África e Ásia] um conhecimento aprofundado da teoria científica do comunismo e a rica experiência dos países socialistas, e principalmente do povo da República Popular da Bulgária, na resolução de questões de igualdade e *status* enfrentadas pelas mulheres. Junto com a introdução prática às vantagens do desenvolvimento das mulheres provido pelo socialismo real, ele [o projeto] pode ser uma ativa forma de influência socialista permanente na atitude dos participantes nos cursos; desse modo, os ideais socialistas vão ganhar o apoio de grande parte da população de países da Ásia e da África, tanto com orientação socialista como independente.

Foi este desejo de combater a influência dos EUA no Instraw que levou a FIDM e o CMMB a abrigarem uma série de cursos e de intercâmbios para mulheres da África e da Ásia. Um exemplo particular foi a “Escola para o Conhecimento, Amizade e Solidariedade”, realizada em Sófia, em setembro de 1980, apenas dois meses antes da conferência de mulheres da ONU em Copenhague, onde uma coalizão de mulheres socialistas e mulheres do G-77 humilhou a delegação dos EUA, o que forçou as norte-americanas a votarem contra o documento oficial da conferência<sup>39</sup>. Vinte e uma mulheres ativistas da África e da Ásia vieram a Sófia e permaneceram por 40 dias na Bulgária para aprender como liderar um movimento de mulheres socialistas<sup>40</sup>. O CMMB e a FIDM financiaram integralmente as viagens, acomodações e refeições de todas as participantes, e o CMMB organizou o currículo para um curso de seis semanas. O curso incluía leituras, seminários e viagens ao redor do país para ver os supostos benefícios do socialismo real. Todas as aulas eram traduzidas simultaneamente para inglês, francês, árabe e português às representantes

de organizações de mulheres da Índia, Bangladesh, Afeganistão, Filipinas, Sri-Lanka, Benin, Gana, Nigéria, Níger, Botsuana, Zâmbia, Quênia, Lesoto, Namíbia, Ruanda, Burundi, Somália, Sudão, Tanzânia, Togo, Zimbábue, Etiópia, República da África do Sul, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde.

A Escola para o Conhecimento, Amizade e Solidariedade não era apenas um mero intercâmbio social ou uma demonstração política de alianças, era sim um verdadeiro campo de treinamento para ativistas e que foi pensado como um exercício em “formação de formadores”. Em cada país as organizações nacionais de mulheres afiliadas à FDIM eram responsáveis por escolher suas militantes mais ativas para ir à Bulgária, com a ideia de que elas voltariam a seus países e compartilhariam seu conhecimento com outras mulheres.

No primeiro mês, as participantes tinham cinco horas de aula durante 20 dias, o que incluía *workshops* individuais, feitos especialmente com cada mulher. As professoras da FDIM e do CMMB compartilhavam orientações práticas de como preparar relatórios, escrever discursos, falar com a mídia, fazer *releases* de imprensa e organizar convenções sobre a problemática das mulheres, particularmente sobre como o sistema socialista poderia, de forma mais efetiva, resolver os desafios enfrentados pelas mulheres nas sociedades contemporâneas. A ideia do curso era construir solidariedade e unidade de propostas entre mulheres de uma ampla variedade de contextos pós-coloniais, além de demonstrar o compromisso das mulheres socialistas no apoio à independência nacional e às aspirações de desenvolvimento daqueles países recentemente libertados do jugo dos impérios do Ocidente. A FDIM e o CMMB tinham como objetivo mostrar, às mulheres da Ásia e da África, que raça, etnia e até religião eram irrelevantes quando o tema era alcançar os grandes objetivos de emancipação e justiça social para as mulheres.

Em um documento interno enviado ao Comitê Central do Partido Comunista da Bulgária, o CMMB salientou o programa de curso proposto<sup>41</sup>, que incluiu várias palestras sobre as “tarefas da FDIM”, que compreendiam “a luta pelos direitos políticos, judiciais e socioeconômicos das mulheres (o papel das mulheres como cidadãs trabalhadoras e mães)” e “a luta pela paz duradoura, independência nacional, democracia e progresso social”. Em outra unidade centrada no *status* das mulheres que viviam sob o socialismo, três grupos temáticos foram propostos: 1) mulher e força de trabalho, 2) mulher e sociedade e 3) mulher e família. Olhando o programa proposto com olhos ocidentais, é difícil, para mim, não acreditar que isso era uma propaganda comunista incrivelmente generosa. Por exemplo, em uma nota sobre a inclusão desses três temas específicos, o CMMB explicava ao Comitê Central que:

O objetivo dos grupos temáticos é demonstrar as conquistas do socialismo real no tocante à resolução de problemas das mulheres. Os tópicos serão decididos entre as organizações e movimentos de mulheres de outros países socialistas de um modo que permitirá revelar as vantagens adquiridas pelas mulheres que vivem em sociedades socialistas... O CMMB também providenciará professores sobre a história do movimento feminista na Bulgária, a estrutura, funções e tarefas do CMMB nesse momento, bem como de outros tópicos gerais que introduzirão, aos participantes do curso, o desenvolvimento histórico, socioeconômico e cultural do nosso país nos anos posteriores à vitoriosa revolução social<sup>42</sup>.

Mas, enquanto o primeiro conjunto de palestras claramente se centrava em divulgar as conquistas do socialismo real na Bulgária, a maior quantidade de tempo era dedicada às questões políticas, culturais e socioeconômicas dos respectivos países de onde vinham as participantes. Eram, aparentemente, avaliações muito detalhadas da situação das mulheres em cada país da África e da Ásia e dos problemas políticos, culturais e socioeconômicos específicos que elas enfrentavam. Cada mulher de cada país tornava-se capaz de debater os desafios e os métodos necessários não somente para formar organizações feministas, como também para obter colaborações de diferentes organizações de massa, com o intuito de lidar de forma satisfatória com os problemas das mulheres. Em outras palavras, as mulheres consideradas quadros políticos que vinham da África e da Ásia não somente estavam sendo encorajadas a serem feministas e a criarem organizações de mulheres, como também sendo orientadas a formar alianças estratégicas com homens e organizações de homens que poderiam ser ferramentas que ajudassem a promover a causa da igualdade para as mulheres.

Talvez ainda mais importantes fossem as detalhadas palestras sobre a estrutura e a história das Nações Unidas, e suas ramificações especiais, para lidar com os problemas das mulheres e das crianças. Com base no programa de aulas proposto, é evidente que muitos dias foram gastos em ensinar as mulheres sobre como a ONU trabalhava e como dava voz a pequenos e recentemente independentes países. Isso incluía lições fundamentais sobre os procedimentos parlamentares da ONU, abordando a estrutura básica das resoluções da ONU e procedimentos para emendas, bem como a arte das convenções informais. A ideia era formar mulheres da África e da Ásia para que entendessem melhor o sistema internacional, a fim de que pudessem, de forma mais efetiva, buscar seus objetivos. Os “quadros” da Ásia e da África estavam familiarizados com a natureza essencialmente democrática da Assembleia Geral da ONU e como países em desenvolvimento poderiam se unir

para desbancar o voto dos países desenvolvidos do Ocidente<sup>43</sup>. De fato, os países socialistas e a FDIM em particular viam as Nações Unidas como um agente de justiça social que poderia programar uma “Nova Ordem Econômica Internacional”.

Enquanto não há dúvida de que as búlgaras e a FDIM esperavam que os países recém-independentes escolhessem o lado do Segundo Mundo, a inclusão de delegados de países com tendências mais voltadas para o Ocidente, como Quênia, sugere que as búlgaras e a FDIM estavam tecendo uma rede maior. Num apaixonado discurso às participantes do curso, Elena Lagadinova explicou:

Nós consideramos este curso uma expressão de nossa solidariedade às suas lutas pela independência nacional, igualdade para as mulheres e progresso social. Mas, queridas amigas, deixem-me também expressar minha gratidão a vocês, representantes de nossas organizações fraternas da Ásia e da África, por aceitar esse convite e por deixar para trás seus trabalhos, casas e pessoas queridas – talvez crianças pequenas também – para vir até aqui (apesar da longa distância) e aprender em nome da causa: para serem mais úteis ao povo de vocês e às suas organizações<sup>44</sup>.

Entremeadas, 20 dias de aulas, estavam excursões de fim de semana para uma variedade de lugares ao redor do país, incluindo a ida a uma sessão da Assembleia Geral das Nações pela Paz, que ocorreu em Sófia na mesma época. Além dessas viagens de fins de semana, havia uma semana inteira de viagem pela Bulgária, planejada para ver em primeira mão as “maravilhas” do sistema socialista. De novo, é essencial lembrar que os anos 1970 foram prósperos para o sistema econômico da Bulgária: a parte litorânea foi tomada por hotéis novos e luxuosos e as cidades estavam crescendo de forma vertiginosa. Ainda que a Bulgária não possuísse a variedade de bens de consumo disponíveis nos países desenvolvidos do Ocidente, ela tinha impressionante abundância de escolas, universidades, hospitais, cooperativas e centros culturais que eram motivo de inveja de muitas mulheres dos países em desenvolvimento. Bea Moore, do Congresso Nacional Africano, afirmou:

Eu venho de um movimento nacional de libertação e o que eu vi na Bulgária evoca em mim sentimentos especiais. Esta estadia expandiu meu conhecimento não somente sobre questões relacionadas às mulheres, mas também sobre suas atitudes políticas... Nossa estadia não foi apenas um período de aprender e ensinar, mas também um período de crescimento moral. Nunca havia imaginado que uma sociedade com tal mentalidade política afinada poderia existir.

Convenci-me inteiramente de que somente o desenvolvimento político, acompanhado de um alto sentido de envolvimento cívico, pode levar a uma sociedade próspera. Isso foi o que eu vi, pessoalmente, aqui na Bulgária<sup>45</sup>.

Em uma pesquisa realizada após o seminário, outra participante, H. R. Svarna, da Índia, afirmou que:

As mulheres búlgaras passaram por muitas coisas, mas alcançaram seu objetivo: ganharam igualdade e respeito. Elas não apenas estão progredindo, mas também ajudam as outras para que progridam. Nós levaremos conosco a lembrança de uma cálida recepção e a coragem inspirada por vocês, o amor de tantas mulheres, o qual não somente manteremos conosco, mas prometemos compartilhar com outras<sup>46</sup>.

Em outras respostas na pesquisa pós-seminário, as mulheres que foram formadas em Sófia expressaram uma variedade de opiniões positivas sobre o modo como as mulheres búlgaras as haviam inspirado e as ajudaram a pensar seriamente sobre os desafios enfrentados na mobilização de mulheres nos próprios países. Novamente, é importante ter em mente que essas mulheres eram beneficiárias de 40 dias de hospitalidade, pagas pelo governo búlgaro e pela FDIM, e que há a possibilidade de que respostas críticas não tenham sido ignoradas no registro histórico. Mas o fato de que a Bulgária foi capaz de organizar um curso de 40 dias, em 1982, para mulheres da África e da Ásia, ao menos dá a entender que o curso foi útil e informativo para aquelas mulheres que optaram por vir. Em uma carta de Maleka Begum, presidenta da Mahila Parishad, a maior organização de mulheres de Bangladesh, ela agradece o CMMB por permitir que uma integrante de sua organização participasse do curso de 1980:

Também queremos agradecer a vocês por nos oferecer a oportunidade de participar do curso de formação para quadros de liderança, que muito precisávamos. Espero que na próxima sessão vocês possam nos dar de novo a oportunidade de aproveitar esse curso de formação... Temos certeza de que ficaremos felizes em saber que Kazi Mometa Hena voltou com grande entusiasmo e que certamente será beneficiada com as experiências que ela ganhou sob a orientação conjunta de vocês e da FDIM<sup>47</sup>.

De fato, o curso se mostrou tão bem-sucedido que as líderes do Comitê Revolucionário das Mulheres Etíopes foram à Bulgária em abril de 1983 para aprender como criar o próprio centro de formação, em Adis Abeba<sup>48</sup>,

para o qual a Bulgária finalmente forneceu 10 mil leva em ajuda financeira. O CMMB e o Comitê Revolucionário das Mulheres Etíopes entraram em um acordo formal, na esperança de que o novo centro de treinamento na Etiópia oferecesse, futuramente, formação para quadros na África. Lagadinova e o CMMB continuaram a cultivar fortes relações com as mulheres africanas durante a primeira metade da década de 1980, e essas conexões se tornariam importantes na terceira conferência da ONU em Nairóbi, em 1985, particularmente no que diz respeito a desafiar a suposta liderança das feministas norte-americanas.

Embora não seja possível ainda estabelecer definitivamente os impactos específicos que os esforços do CMMB tiveram na organização das mulheres progressistas nos países em desenvolvimento<sup>49</sup>, o que está claro é que Elena Lagadinova e o CMMB foram muito respeitados e celebrados por seus esforços em prol de todos os três temas indicados naquela década pelas Nações Unidas: igualdade, desenvolvimento e paz. Elena Lagadinova foi eleita relatora-geral da Conferência da ONU em Nairóbi<sup>50</sup>, em 1985, e a honra de ter uma búlgara como relatora-geral foi, talvez, uma das conquistas mais importantes do CMMB. A eleição de Lagadinova sinalizou que as mulheres búlgaras foram amplamente consideradas líderes por suas companheiras do movimento internacional de mulheres<sup>51</sup>. Lagadinova também, mais tarde, seria nomeada para o Conselho de Administração da Instraw, em Santo Domingo, dando ao movimento das mulheres búlgaras uma voz ainda mais forte dentro das Nações Unidas. Preparando-se para um renovado programa internacional de advocacia, o CMMB sediou a última reunião do conselho da FIDM na Bulgária. Entre os dias 12 e 15 de setembro de 1989, representantes do Conselho Executivo da FIDM de todo o mundo reuniram-se em Sófia para planejar uma ambiciosa agenda de atividades internacionais para a década seguinte. Mas, menos de um mês depois, o Muro de Berlim cairia e a maioria das organizações de massa das mulheres socialistas deixaria de existir. Elena Lagadinova aposentou-se em janeiro de 1990, o CMMB foi dissolvido e, em breve, o registro de suas variadas atividades e realizações seria esquecido.

## Conclusão

A Guerra Fria foi um cenário importante para o desenvolvimento do movimento internacional de mulheres entre 1970 e 1990, com o Oriente e o Ocidente utilizando-se das questões das mulheres para competir por influência entre os países da África, da Ásia e da América Latina. A rivalidade entre as superpotências influenciou a política de gênero em uma escala global, e não há dúvida de que a Bulgária foi um jogador-chave, organizando os movi-

mentos de massa de mulheres no bloco socialista para apoiar, de forma mais eficaz, as aspirações dos movimentos de mulheres dos países em desenvolvimento. A historiadora Augusta Dimou tem demonstrado convincentemente que os livros de história alemães escritos depois de 1989 obscurecem as raízes europeias e o apelo internacional do socialismo, e ignoram “o enorme impacto de influências intelectuais de esquerda na articulação dos movimentos de libertação no Terceiro Mundo, apesar do fato de que a descolonização é um tema-padrão nos livros de História do século XX”<sup>52</sup>.

Da mesma forma, a historiografia dos movimentos de mulheres socialistas continua a ser moldada pelos legados da Guerra Fria, não só pelas mulheres no Ocidente, mas também por estudiosas da Europa do Leste que desejam que seu trabalho seja publicado em revistas ocidentais. Mas, como este breve exemplo de uma das atividades internacionais do CMMB demonstrou, organizações de mulheres socialistas eram atores importantes na formação do movimento internacional de mulheres, mesmo que apenas como fachada, na visão das feministas ocidentais, ou como inspiração para as mulheres do mundo em desenvolvimento.

Embora tenha havido uma corrida imediata dos estudiosos ocidentais em busca dos arquivos socialistas da polícia secreta e dos registros do Ministério das Relações Exteriores a fim de comprovar as muitas ações ruins dos governos comunistas, tem havido pouco interesse em examinar os registros das conquistas do socialismo real, nomeadamente no que diz respeito às questões das mulheres. Parte do problema é que os legados da Guerra Fria ainda levam os estudiosos, tanto do Oriente como do Ocidente, a argumentarem que não havia *quaisquer* aspectos positivos na era socialista. Tendo em conta que duas décadas já se passaram, talvez agora seja o momento de explorar a possibilidade de que os governos socialistas estivessem realmente comprometidos com metas abstratas de igualdade, mesmo que, muitas vezes, não tenham conseguido na prática fazer jus a essas metas. Mais importante ainda, organizações como o CMMB podem ter verdadeiramente tentado criar um mundo melhor para as mulheres, e trabalharam duro para forjar as redes e as alianças que ajudaram a promover sua causa. Se, no final, todo o sonho socialista ruiu ao redor, as feministas modernas deveriam, pelo menos, reconhecer que as organizações dessas mulheres foram fundamentais na formação dos discursos e práticas iniciais do movimento das mulheres progressistas internacionais, principalmente no que diz respeito à educação socialista e feminista de muitas mulheres do mundo em desenvolvimento.

(Tradução de Dafne Melo)

## RESUMO

A história da Década Internacional da Mulher da Organização das Nações Unidas, que catalisou o ativismo das mulheres entre 1975 e 1985 por meio de três encontros intergovernamentais na Cidade do México, Copenhague e Nairóbi, tem sido principalmente escrita por mulheres ocidentais. Esta perspectiva de “Primeiro Mundo” tende a ignorar o importante papel desempenhado pelas mulheres do Bloco do Leste e dos países em desenvolvimento. Enquanto as mulheres ocidentais estavam preocupadas com a obtenção de igualdade jurídica e econômica em casa, as mulheres socialistas do Bloco do Leste argumentavam que a igualdade das mulheres com os homens era inútil em um mundo repleto de racismo, violência, subdesenvolvimento, colonialismo e guerra. Este estudo de caso do Comitê do Movimento das Mulheres da Bulgária (CMMB) e de suas atividades entre 1968 e 1990 demonstra as coalizões importantes que foram desenvolvidas entre as mulheres do “Segundo Mundo” e do “Terceiro Mundo”, alianças do ativismo global das mulheres que colocaram um verdadeiro desafio à “neoliberalização”.

## PALAVRAS-CHAVE

Mulheres; Bulgária; Nações Unidas; África.

*The women in red: The Committee of the Movement of Bulgarian Women and the development of progressive women's movements in Africa and Asia, 1980-1985.*

## ABSTRACT

The history of the United Nations International Decade for Women, which catalyzed global women's activism between 1975 and 1985 through three key intergovernmental meetings in Mexico City, Copenhagen and Nairobi, has been primarily written by Western women. This “First World” perspective tends to ignore the the important role played by women from the Eastern Bloc and the developing countries. While Western women were concerned with gaining legal and economic equality at home, socialist women from the Eastern Bloc argued that women's equality with men was useless in a world full of racism, violence, underdevelopment, colonialism, and war. This case study of the Committee of the Bulgarian Women's Movement (CBWM) and their activities between 1968 and 1990 demonstrates the important coalitions that were developed between “Second World” and “Third World” women, alliances that provided a real challenge to the neoliberalization of global women's activism.

## KEYWORDS

Women; Bulgaria; United Nations; Africa.

## NOTAS

<sup>1</sup> Doutora pela Universidade da Califórnia em Berkeley. Atualmente é diretora e professora associada da cátedra John S. Osterweis de Estudos Femininos e de Gênero do Bowdoin College. Especialista em gênero e transição em sociedades pós-socialistas,

é autora de diversas obras, como *The Red Riviera: gender, tourism and postsocialism on the black sea* (Duke University Press, 2005); *Muslim lives in Eastern Europe: gender, ethnicity and the transformation of Islam in postsocialist Bulgaria* (Princeton University Press, 2009); e *Lost in transition: ethnographies of everyday life after socialism* (Duke University Press, 2011). Em 2012, a autora foi premiada com uma bolsa da Fundação John Simon Guggenheim por seu trabalho de Antropologia e Estudos Culturais. Contato da autora: kghodsee@bowdoin.edu.

<sup>2</sup> Ver, por exemplo, Fundação Heritage. “The Hidden Agenda for the U.N. Conference on Disarmament and Development”, 17/8/1987. Disponível em: <[www.heritage.org/Research/Reports/1987/08/The-Hidden-Agenda-for-the-UN-Conference-on-Disarmament-and-Development](http://www.heritage.org/Research/Reports/1987/08/The-Hidden-Agenda-for-the-UN-Conference-on-Disarmament-and-Development)>. Veja também Francisca DE HANN. “Women in the FDIM (Or: the long arm of HUAC: finding the women in the WIDF)”, documento apresentado durante o 125º Encontro da Associação Histórica Americana, em 7/1/2011, em Boston, Massachusetts, Estados Unidos. Disponível em: <http://aha.confex.com/aha/2011/webprogram/Paper5284.html>>.

<sup>3</sup> CHEN, Martha Alter. “Engendering World Conferences: the International Women's Movement and the United States.” *Third World Quarterly*, v. 16, n. 3, p. 477-493, 1995.

<sup>4</sup> DE HAAN, Francisca. “Continuing cold war paradigms in Western historiography of transnational women's organizations: the case of the Women's International Democratic Federation (WIDF)”. *Women's History Review*, v. 19, n. 4, p. 547-573, 2010.

<sup>5</sup> GHODSEE, Kristen. “Revisiting the international decade for women: brief reflections on competing definitions of feminism and cold war politics from the american perspective”. *Women's Studies International Forum*. v. 33, n. 3, p. 12, 2010; GHODSEE, Kristen. “And if the shoe doesn't fit? (wear it anyway?). Economic transformation and Western paradigms of ‘women in development’ in post-Communist Central and Eastern Europe.” *Women's Studies Quarterly*, v. 31, n. 3&4, p. 19-37, Fall & Winter, 2003.

<sup>6</sup> A historiadora búlgara Maria Todorova chamou a atenção para a necessidade de documentar experiências das pessoas que viveram na era comunista antes que elas morram e suas narrativas se percam na História; vincula isso ao processo de uma “etnografia de salvaguarda”. TODOROVA, Maria (Org.) *Remembering communism: genres of representation*. New York: Social Science Research Council, 2010, p. 14.

<sup>7</sup> Ver: “Bulgarskite Zheni sa Prisposobimi, Uporiti, i Gotovi da Poemat i Nai-golemite Predizvikelstva.” Paris, 4/8/2011. Disponível em: <[http://100women.pari.bg/article/2011/8/4/kristen\\_godsi\\_blgarskite\\_zheni\\_sa\\_prisposobimi\\_uporiti\\_i\\_gotovi\\_da\\_poemat\\_i\\_naj\\_golemite\\_predizvikelstva](http://100women.pari.bg/article/2011/8/4/kristen_godsi_blgarskite_zheni_sa_prisposobimi_uporiti_i_gotovi_da_poemat_i_naj_golemite_predizvikelstva)>.

<sup>8</sup> Usei os arquivos do CMMB no Arquivo Central do Estado, em Sófia, Bulgária, as coleções de periódicos da Biblioteca Nacional da Bulgária e os arquivos da FDIM na Coleção Sofia Smith, no Smith College em Northampton, Massachusetts. Para as fontes do Arquivo Central do Estado, usei a forma-padrão de citação da Bulgária, que se parece com esta: Tsentralen Darzhaven Arhiv (TsDA), F-417, O-5, E-96, L-9~22, em que F = fundo (a coleção do arquivo), O = opis (uma subunidade na coleção prin-

cial), E = edinita (uma pasta individual) e L = lista (número da página). A maioria dos documentos usada para este artigo veio do fundo 417, o arquivo do CMMB.

<sup>9</sup> STEPHENSON, Carolyn M. "Feminism, pacifism, nationalism, and the United Nations Decade for Women," *Women's Studies International Forum*, v. 5, n. 3/4, p. 287-300, 1982, citação compilada a partir de passagens, p. 287-298.

<sup>10</sup> DE HAAN, F. *Op. cit.*, 2010, p. 548.

<sup>11</sup> Por exemplo, na Bulgária, ver as memórias de MENEVA, Ivanka. *Zovat na Dalechnoto*. Sofia: Viking Press, 2004.

<sup>12</sup> FRASER, Arvonne; TINKER, Irene (Org.). *Developing power: how women transformed international development* New York: The Feminist Press at Cuny, 2004.

<sup>13</sup> JAIN, Devaki. *Women, development, and the UN: a sixty-year quest for equality and justice*. Bloomington: Indiana University Press, 2005, p. 66-67.

<sup>14</sup> MIROIU, Mihaela, "Not the right moment! Women and the politics of endless delay in Romania". *Women's History Review*, v. 19, n. 4, p. 575-593, p. 580-581, September 2010.

<sup>15</sup> ROBINSON, Jean. "Women's State and the need for civil society: the Liga Kobiet in Poland". In: McBRIDE, Dorothy Stetson; MAZUR, Amy (Org.). *Comparative State Feminism*. London: Sage, 1995, p. 205.

<sup>16</sup> MOLYNEUX, Maxine. "Socialist societies old and new: progress toward women's emancipation?". *Feminist Review*, n. 8, p. 1-34, p. 28, Summer, 1981.

<sup>17</sup> STORRS, Landon. "Attacking the Washington 'femocracy': antifeminism in the cold war campaign against 'communists in government'". *Feminist Studies*, v. 33, n. 1, Spring 2007.

<sup>18</sup> WEIGAND, Kate. *Red feminism, american communism and the making of women's liberation*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2002.

<sup>19</sup> Ver, por exemplo, HOROWITZ, Daniel. *Betty Friedan and the making of "the feminine mystique": the american left, the cold war, and modern feminism*. Amherst: University of Massachusetts Press, 2000.

<sup>20</sup> SLABAKOVA, Roumyana. "Research on women in Bulgaria: the hard way into the future". *Women's Studies Quarterly*, v. 20, n. 3/4, *Women's Studies in Europe*. Fall Winter, 1992, p. 136-143.

<sup>21</sup> TsDA, F-417, O-2, A.E.-1, L-1-3.

<sup>22</sup> TsDA, F-417, O-1, A.E.-1, L-1.

<sup>23</sup> TsDA, F-417, O-2, a.e. 9, l. 82-100; Fond 417, opis 2, a.e. 15, l. 1-35.

<sup>24</sup> Nome pelo qual era mais conhecido Vulko Velev Chervenkov (1900-1980), jornalista e militante comunista. Após a morte de seu cunhado, Georgi Dimitrov, tornou-se secretário-geral do Partido Comunista da Bulgária. No ano seguinte, acumulou

as funções de primeiro-ministro. Chervenkov impôs um programa inflexivelmente stalinista de nacionalização, industrialização e coletivização sobre a Bulgária, sustentado pelo terror de sua polícia secreta. Depois da morte de Stálin, a União Soviética passou a ser governada por uma liderança coletiva e a Bulgária teve de seguir o exemplo. Em 1954, Chervenkov desistiu da liderança do partido e deixou de ser o primeiro-secretário. Em 1956, dois meses após a denúncia de Krushev, de Stálin, no XX Congresso do Partido do PCUS, Chervenkov foi rebaixado de primeiro-ministro a vice-primeiro-ministro. Em novembro de 1961, Zhivkov denunciou o passado stalinista de Chervenkov na conferência do Partido Comunista e ele foi afastado do cargo (N.E.).

<sup>25</sup> Ver, por exemplo, TsDA, F-417, O-3, A.E.-9, L-11~15.

<sup>26</sup> TsDA, F-417, O-3, A.E.-9, L- 32~39.

<sup>27</sup> TURRITTIN, Jane. "Aoua Kéita and the Nascent Women's Movement in the French Soudan". *African Studies Review*, v. 36, n. 1, p. 59-89, Apr. 1993.

<sup>28</sup> Todor Khristov Zhivkov (1911-1998), gráfico, militante comunista, tornou-se primeiro-secretário do Partido Comunista da Bulgária em 1954 e permaneceu nessa posição até 1989. Apenas dois meses depois, em janeiro de 1990, a República Popular da Bulgária deixou de existir. (N.E.)

<sup>29</sup> Radio Free Europe/Radio Liberty. "Background Reports: Zhivkov's Great Society." [Country Series: Bulgaria] 23/09/1968. Disponível em: <<http://fa.osaarchivum.org/background-reports?col=8&id=46583>>.

<sup>30</sup> DINKOVA, Maria. "Strasti po Velikata Zhenska Revolyutsiya." *Vesni*, n. 5, 2003: 23-37, p. 27-30; DINKOVA, Maria. "Strasti po Velikata Zhenska Revolyutsiya." *Vesni*, n. 6-7, 2003: 23-46, p. 24-25; e DINKOVA, Maria. "Strasti po Velikata Zhenska Revolyutsiya." *Vesni*, n. 6, 2008: 33-62.

<sup>31</sup> BRUNNBAUER, Ulf. "Making bulgarians socialist: the fatherland front in Communist Bulgaria, 1944-1989." *East European Politics & Societies*, v. 22, n. 1, p. 44-79, Winter 2008.

<sup>32</sup> JANCAR, Barbara Wolfe. *Women under communism*. Baltimore: the Johns Hopkins University Press, 1978, p. 107. Ver também: "Madame Elena Lagadinova". In: BRILLIANT, Fredda. *Women in Power*. New Delhi: Lancer International, 1987, p. 74-88.

<sup>33</sup> TsDa, F-417, O-5, E-251, L-11~13.

<sup>34</sup> DE PALMA, Anthony. "Vilma Espín, rebel and wife of Raúl Castro, dies at 77". *New York Times*, 20/6/2007. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2007/06/20/world/americas/20espin.html>>.

<sup>35</sup> Entrevista com Arvonne Fraser, em 13 de abril de 2005.

<sup>36</sup> Entrevista com Maria Dinkova, em fevereiro de 2011, em Sófia, Bulgária. Em 1975, as políticas para licença-maternidade na Bulgária eram mais avançadas do que as da União Soviética.

<sup>37</sup> “Regional Centre Opens in Havana”. *Women of the Whole World*, v. 1, p. 36-37, 1978; “First Course in the WIDF Regional Center”. *Women of the Whole World*, v. 2, p. 12-15, 1978.

<sup>38</sup> Sigla em inglês para International Research and Training Institute for the Advancement of Women; ver página do Instraw: <<http://www.un-instraw.org/>>.

<sup>39</sup> GHODSEE, Kristen. “Revisiting the International Decade for Women: brief reflections on competing definitions of feminism and cold war politics from the american perspective”. *Women’s Studies International Forum* 33, p. 3-12, 2010.

<sup>40</sup> TsDA, F-417, O-6, A.E.-280, L-4~10.

<sup>41</sup> TsDA, F-417, O-6, A.E.-280, L-1~2.

<sup>42</sup> TsDA, F-417, O-6, A.E.-280, L-2.

<sup>43</sup> Entrevista com Elena Lagadinova, em julho de 2011, em Sófia.

<sup>44</sup> DURCHEVA, Ani. “Skola za Znanie, za Priyatelstvo i Solidarnost!”. In: Komitet na Dvizhenieto na Balgarskite Zheni. *Byuletin* 1-2, Sofia: Komitet na Dvizhenieto na Balgarskite Zheni, 1981, p. 31-38, p. 33.

<sup>45</sup> BURTSHEVA, Anna [Anni DURCHEVA]. “A school for knowledge, friendship and solidarity”. *Women of the Whole World*, v. 1, p. 18-19, 1981.

<sup>46</sup> *Ibidem*, p. 18.

<sup>47</sup> F-417, O-6, A.E.-138, L-56.

<sup>48</sup> F-417, O-6, A.E.-159, L-4~6.

<sup>49</sup> Para essa parte do projeto, espero, finalmente, poder consultar arquivos e fazer entrevistas com mulheres em três países africanos: Etiópia, Namíbia e Tanzânia.

<sup>50</sup> TsDA, F-417, O-6, A.E.-306, L-51.

<sup>51</sup> BLUMEN, Jean Lipman-. *Connective leadership: managing in a changing world*. Oxford; New York: Oxford University Press, 1996, p. 299.

<sup>52</sup> DIMOU, Augusta. “Changing certainties? Socialism in german history textbooks”. In: TODOROVA, M. (Org.). *Op. cit.*, p. 299.

## DOCUMENTOS DOSSIÊ